



Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros

ISSN: 2237-2342 (impresso)

L-ISSN: 2178-2008 (on-line)

Ano IX, Vol.IX, n.35, jul./set., 2018.

Tramitação editorial:

Data de submissão: 30/07/2018.

Data de reformulação: 15/08/2018.

Data de aceite definitivo: 28/08/2018.

Data de publicação: 20/09/2018.

PORTUGUÊS AVALIADO NA PROVA DO CONCURSO DOS BOMBEIROS¹

Jonas Rodrigo Gonçalves²
Anna Cláudia Oliveira Gondim³
Angélica Guimarães Delcho⁴
Viviane Alves Ferreira do Nascimento⁵

RESUMO: As provas de concursos dificilmente não cobram questões de língua portuguesa. Por este motivo o presente trabalho busca analisar qual aspecto da língua é avaliado pelo candidato. Para isso, a prova escolhida foi a de Soldado Operacional do Corpo de Bombeiros de Brasília, realizada pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional – IDECAN. O trabalho está estruturado na leitura do texto, apresentação da questão e posterior comentário. Ao longo da pesquisa, observamos que, embora a avaliação tem como objeto principal a interpretação de textos escritos de natureza literária, não é o que se espera do profissional avaliado, resultando numa carência de pragmatismo no exame.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa, Concursos Públicos, Interpretação de Textos.

ABSTRACT: Proofs of competitions hardly take Portuguese language questions. For this reason the present work seeks to analyze which aspect of the language is evaluated by the candidate. For this, the chosen test was the Operational Soldier of the Fire Brigade of Brasília, carried out by the Institute of Educational, Cultural and National Assistance - IDECAN. The work is structured in the reading of the text, presentation of the question and later comment. Throughout the research, we observe that, although the main object of the evaluation is the interpretation of written texts of a literary nature, it is not what is expected of the evaluated professional, resulting in a lack of pragmatism in the exam.

¹ Artigo de aproveitamento da disciplina *Projeto Integrador II*, do curso *Tecnólogo em Secretariado com ênfase no jurídico*, sob a orientação do professor *MSc. Jonas Rodrigo Gonçalves*.

² Mestre em Ciência Política (Políticas Públicas, Direitos Humanos e Cidadania). Especialista em: Letras: Revisão de texto; Formação em Educação a Distância; Docência no Ensino Superior; Didática no Ensino Superior em EAD. Licenciado em Filosofia e em Letras (Português e Inglês). Escritor, autor de 36 livros didáticos e acadêmicos. Coordenador dos grupos de pesquisa: Direito e Políticas Públicas; Políticas Públicas do Agronegócio e Gestão Ambiental; Português Jurídico; Língua Portuguesa e Carreiras Públicas.

³ Tecnóloga em Secretariado pela Faculdade Processus. Membro do grupo de iniciação científica “Língua Portuguesa e Carreiras Públicas” da Faculdade Processus, sob a coordenação do professor Jonas Rodrigo Gonçalves.

⁴ Tecnóloga em Secretariado pela Faculdade Processus. Membro do grupo de iniciação científica “Língua Portuguesa e Carreiras Públicas” da Faculdade Processus, sob a coordenação do professor Jonas Rodrigo Gonçalves.

⁵ Tecnóloga em Secretariado pela Faculdade Processus. Membro do grupo de iniciação científica “Língua Portuguesa e Carreiras Públicas” da Faculdade Processus, sob a coordenação do professor Jonas Rodrigo Gonçalves.

KEYWORDS: Portuguese Language. Public Tenders. Interpretation of Texts.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscará demonstrar como o conteúdo de português é cobrado em questões de concursos públicos. Ao analisarmos os editais de concursos públicos, observamos que o conteúdo de português abrange diversos assuntos, entre eles citamos: gramática normativa, interpretação de textos e redação oficial.

O tema foi escolhido em virtude de ser um assunto constante no dia a dia do brasileiro, que ao estudar a língua portuguesa fora do ambiente escolar, normalmente busca focar o conteúdo na forma como é cobrado em provas e concursos, motivo primário do aprendizado.

Para delimitar a presente pesquisa, a prova utilizada para análise foi a do Concurso Público para matrícula no curso de formação de Praças Bombeiros Militares (CFPBM) no quadro geral de Praças na qualificação Bombeiro Militar Geral Operacional do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, realizado e executado pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional – IDECAN. Na pesquisa, nos limitaremos ao conteúdo relativo à prova de Português que foi avaliada como conhecimentos gerais, possuindo 10 (dez) questões, valendo 1 (um) ponto cada.

O conteúdo programático de língua portuguesa estava assim organizado⁶: Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados. Reconhecimento de tipos e gêneros textuais. Domínio da ortografia oficial. Emprego das letras. Emprego da acentuação gráfica. Domínio dos mecanismos de coesão textual. 4.1 Emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual. 4.2 Emprego/correlação de tempos e modos verbais. 5 Domínio da estrutura morfossintática do período. 5.1 Relações de coordenação entre orações e entre termos da oração. 5.2 Relações de subordinação entre orações e entre termos da oração. 5.3 Emprego dos sinais de pontuação. 5.4 Concordância verbal e nominal. 5.5 Emprego do sinal indicativo de crase. 5.6 Colocação dos pronomes átonos. 6 Reescritura de frases e parágrafos do texto. 6.1 Substituição de palavras ou de trechos de texto. 6.2 Retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade. 7 Correspondência oficial. 7.1 Adequação da linguagem ao tipo de documento. 7.2 Adequação do formato do texto ao gênero.

⁶ Reproduzido conforme consta no edital.

A escolha da referida prova, foi em razão de ser um cargo de nível superior e de ter sido amplamente divulgado os erros e equívocos da organizadora do certame, tendo inclusive anulado as provas de outros cargos. A prova em questão foi aplicada em 19/02/2017 e recebeu três gabaritos diferentes, sendo o preliminar, divulgado em 20/02/2017, o definitivo em 10/04/2017 (com uma mudança de gabarito e nove questões anuladas) e a retificação e republicação do gabarito definitivo em 19/05/2017 (com doze questões anuladas, dentre elas duas de português).

Para analisar as questões, utilizaremos a doutrina moderna, ressaltando que optamos por não utilizar bibliografia própria para exames, vestibulares e concursos, por não possuírem o referencial teórico próprio para o ambiente acadêmico.

O trabalho está estruturado na leitura do texto, apresentação da questão e posterior comentário. Optamos por manter a ordem original das questões por motivos meramente didáticos.

1. PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA – IDECAN (2017) - SOLDADO BOMBEIRO MILITAR OPERACIONAL

Texto para responder às questões de 01 a 05.

*Sobre as paredes internas que restavam, equilibravam-se pontas de vigamento, revestidas de um bolor claro de cinza, tições enormes, apagados. Na atmosfera luminosa da manhã flutuava o sossego fúnebre que vem no dia seguinte sobre o teatro de um grande desastre.

Informaram-me de coisas extraordinárias. O incêndio fora propositalmente lançado pelo Américo, que para isso rompera o encanamento do gás no saguão das bacias. Desaparecera depois do atentado.

Desaparecera igualmente durante o incêndio a senhora do diretor.

Dirigi-me para o terraço de mármore do outão. Lá estava Aristarco, tresnoitado, o infeliz. No jardim continuava a multidão dos basbaques. Algumas famílias em *toilette* matinal, passeavam. Em redor do diretor muitos discípulos tinham ficado desde a véspera, inabaláveis e compadecidos. Lá estava, a uma cadeira em que passara a noite, imóvel, absorto, sujo de cinza como um penitente, o pé direito sobre um monte enorme de carvões, o cotovelo espetado na perna, a grande mão felpuda envolvendo o queixo, dedos perdidos no bigode branco, sobrolho carregado.

Falavam do incendiário. Imóvel! Contavam que não se achava a senhora. Imóvel! A própria senhora com quem ele contava para o jardim de crianças! Dor veneranda! Indiferença suprema dos sofrimentos excepcionais! Majestade inerte do cedro fulminado! Ele pertencia ao monopólio da mágoa. O Ateneu devastado! O seu trabalho perdido, a conquista inapreciável dos seus esforços!... Em paz!... Não era um homem aquilo; era um de *profundis*.

Lá estava: em roda amontoavam-se figuras torradas de geometria, aparelhos de cosmografia partidos. Enormes cartas murais em tiras, queimadas, enxovalhadas, vísceras dispersas das lições de anatomia, gravuras quebradas da história santa em quadros, cronologias da história pátria, ilustrações zoológicas, preceitos morais pelo ladrilho, como ensinamentos perdidos, esferas terrestres contundidas, esferas celestes rachadas; borra, chamusco por cima de tudo: despojos negros da vida, da história, da crença tradicional, da vegetação de outro tempo, lascas de continentes calcinados, planetas exorbitados de uma astronomia morta, sóis de ouro destronados e incinerados...

Ele, como um deus caipora, triste, sobre o desastre universal de sua obra.

Aqui suspendo a crônica das saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas sobretudo — o funeral para sempre das horas.

(POMPEIA, Raul. O Ateneu: crônica de saudades. 2. ed. São Paulo: FTD, 1992.)

*O texto em análise trata-se do fragmento final do romance “O Ateneu”, que narra os momentos seguintes ao incêndio que destruiu a escola e o estado de desolação de Aristarco, diretor do Ateneu, diante de tal fato.

1.1 Questão 01

Dentre os elementos constituintes do tipo textual apresentado é possível identificar o foco narrativo

- A) de 3ª pessoa, sendo o narrador do tipo onisciente.
- B) de 3ª pessoa, sendo o narrador do tipo observador.
- C) de 1ª pessoa; ocupando, o narrador, apenas uma função.
- D) de 1ª pessoa; acumulando, o narrador, funções diferentes na narrativa.**

Na questão apresentada é esperado o conhecimento em foco narrativo. Segundo Castro, foco narrativo é a “presença de um elemento que relata a história como participante (narrativa em primeira pessoa) ou como observador (narrativa em terceira pessoa).

Alguns autores observam, ainda, que o narrador pode ser também onisciente, quando apesar de não participar diretamente da história, conhece até mesmo o pensamento dos personagens.”

Nesse mesmo sentido, afirmam Platão e Fiorin que há dois tipos básicos de narrador: aquele que participa da história como personagem e aquele que não toma parte nos acontecimentos. No primeiro caso, quem conta a história participa dela. Temos, então, uma narrativa em primeira pessoa. No segundo caso, quem narra não é personagem. Temos, então, uma narrativa em terceira pessoa. Para os autores, o narrador possui diversas funções, dentre elas podemos destacar as funções de relatar a história, a função de direção, ou seja, a de marcar as articulações, as conexões, as inter-relações da história, a de organizar o texto e a função ideológica, aquela em que o narrador comenta a ação, avalia-a do ponto de vista de uma visão de mundo.

A alternativa “A) de 3ª pessoa, sendo o narrador do tipo onisciente.” está incorreta, pois no texto existem elementos que demonstram que o narrador é de 1ª pessoa. São eles: “Informaram-me de coisas extraordinárias.” 2º§; “Dirigi-me para o terraço.” 3º§; “Aqui suspendo a crônica das saudades. ”8º§. Semelhante situação ocorre em relação à alternativa “B) de 3ª pessoa, sendo o narrador do tipo observador. ”.

A alternativa “C) de 1ª pessoa; ocupando, o narrador, apenas uma função.” está incorreta, pois, quando o narrador é de 1ª pessoa ele não é apenas narrador, mas está incluído na história, como ocorre na alternativa “D) de 1ª pessoa; acumulando, o narrador, funções diferentes na narrativa.”, sendo esta a correta.

Fonte: CASTRO, Maria da Conceição. *Língua & literatura*. 4ª edição – São Paulo. Saraiva: 1996. Pág. 122. PLATÃO S., Francisco. e FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2011

1.2 Questão 2

No 3º§ do texto, dá-se continuidade ao relato da destruição do colégio. Tendo em vista a estruturação textual empregada para tal, pode-se afirmar que – neste parágrafo – ocorre o predomínio de

- A) descrição objetiva.
- B) descrição subjetiva.**
- C) dissertação expositiva.

D) dissertação argumentativa.

A questão foi anulada pela banca em decorrência de erro material no enunciado, qual seja, o 3º§ do texto “Desaparecera igualmente durante o incêndio a senhora do diretor” indicado inadequadamente no enunciado da questão, cujo objeto de análise seria o 4º§, não há resposta correta a ser indicada. Porém, a despeito disso, a questão será estudada a partir da apreciação do 4º§.

Na pesquisa bibliográfica, percebemos que os autores geralmente classificam os textos em três gêneros principais: a descrição, a narração e a dissertação. Nesta questão o examinador buscou avaliar o conhecimento de “tipos e gêneros textuais”, analisando o conceito de descrição e dissertação.

Segundo Garcia, descrição é “a apresentação verbal de um objeto, ser, coisa, paisagem (...), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos seus traços predominantes, dispostos de tal forma e em tal ordem (...), que do conjunto deles resulte uma impressão singularizante da coisa descrita, isto é, do *quadro*, que é a *matéria* da descrição. A exatidão e a minúcia não constituem sua primordial qualidade: podem até representar defeito”. Assim, a finalidade da descrição é imprimir a visão de determinada coisa do pensamento ou percepção do autor.

Para fins meramente didáticos, podemos classificar a descrição em subjetiva e objetiva. Conforme leciona Garcia, na descrição subjetiva, “reflete-se predominantemente o estado de espírito do observador, suas idiossincrasias, suas preferências, que fazem com que veja apenas o que *quer* ou *pensa* ver e não o que *está para ser visto*.” Nesse modelo, o narrador expressa unicamente a sua visão sobre objeto da descrição, como ele quer (ou pensa) ver no momento que inicia a narrativa, expressando seus sentimentos e pensamentos de forma parcial, utilizando muitas vezes adjetivos ou conotações para construir sua observação.

Já a descrição objetiva é uma visão realista, exata, dimensional. Nela o narrador expressa exatamente os detalhes do objeto da narração de forma imparcial e precisa. É o que caracteriza, conforme Garcia, a descrição técnica ou científica.

No que tange à dissertação, observamos que dificilmente algum autor distingue a dissertação da argumentação. Segundo Garcia, a dissertação “tem como propósito principal expor ou explanar, explicar ou interpretar ideias”. Para ele, na dissertação “podemos expor, sem combater, ideias de que discordamos ou que nos são indiferentes”. Na argumentação, além de expor as ideias, temos uma visão parcial da matéria abordada e,

para tentar influenciar o leitor sobre o nosso pensamento, utilizamos argumentos motivados a convencê-lo do nosso ponto de vista. Conforme Garcia, na argumentação, “procuramos principalmente formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade”. O autor exemplifica de modo didático que um professor de filosofia pode fazer uma explanação sobre o existencialismo ou o marxismo com absoluta isenção, dando dessas doutrinas uma ideia exata, fiel, sem tentar convencer seus alunos das verdades ou falsidades numa ou noutra contidas, sem tentar formar-lhes a opinião, deixando-os, ao contrário, em inteira liberdade de se decidirem por qualquer delas. Mas, se, por ser positivista, fizer a respeito da doutrina de Comte uma exposição com o propósito de influenciar seus ouvintes, de lhes formar a opinião, de convertê-los em adeptos de positivismo, com o propósito, enfim, de mostrar ou provar as vantagens, a conveniência, a verdade, em suma, da filosofia comtista — se assim proceder, esse professor estará argumentando. Argumentar é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente.

Passadas as explanações e conceituações, passaremos à análise da questão.

4º§ “Dirigi-me para o terraço de mármore do outão. Lá estava Aristarco, tresnoitado, o infeliz. No jardim continuava a multidão dos basbaques. Algumas famílias em *toilette* matinal, passeavam. Em redor do diretor muitos discípulos tinham ficado desde a véspera, inabaláveis e compadecidos. Lá estava, a uma cadeira em que passara a noite, imóvel, absorto, sujo de cinza como um penitente, o pé direito sobre um monte enorme de carvões, o cotovelo espetado na perna, a grande mão felpuda envolvendo o queixo, dedos perdidos no bigode branco, sobrolho carregado.”

O parágrafo indicado refere-se à uma descrição da visão do personagem, que observa a situação ao seu modo. No decorrer da descrição, podemos observar o narrador agindo de maneira subjetiva, utilizando adjetivos conotativos para com os outros personagens (como ocorre por exemplo em “lá estava Aristarco, tresnoitado, **o infeliz**.”, “No jardim continuava a multidão dos **basbaques**.”, “sujo de cinza **como um penitente**”), portanto não caberia outra alternativa, senão a “B) descrição subjetiva”.

Fonte: GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. Pág 285-288, 448.

1.3 Questão 03

Considerando as relações sintáticas estabelecidas entre os termos das orações, pode-se afirmar que dentre os grifados em “*Dirigi-me para (I) o terraço de mármore do outão. (II) Lá estava Aristarco, tresnoitado, o infeliz. (III) No jardim continuava (IV) a multidão dos basbaques.” (4º§), ocorre a mesma classificação para*

- A) I, II, III e IV.
- B) II e IV, apenas.
- C) III e IV, apenas.
- D) I, II e III, apenas.

A questão aborda o conhecimento da estrutura morfossintática do período, especificamente das relações sintáticas dos termos das orações.

Para iniciarmos o estudo da questão, é necessário observar o sujeito da oração além de uma definição semântica examinando o primeiro sob uma perspectiva predominantemente morfossintática quando se observam sua base morfológica e sua função no eixo sintagmático. A partir disso e que se podem tecer considerações quanto a o que ele significa, necessariamente dependentes do papel que esse sujeito desempenha em um contexto textual.

Conforme preleciona Sautchuk, as orações em português organizam-se, mediante uma disposição dos sintagmas na cadeia falada que obedece a um determinado padrão de construção, que podemos sintático de construção: SVC. Em que S = sujeito; V= verbo; C=complemento. Isso significa que a posição S, quando preenchida será ocupada por um determinado tipo de sintagma e que a soma V+C será representada por um determinado tipo de verbo, que poderá ser acompanhado de um certo tipo de complemento. A posição C, por sua vez, também poderá ser representada por um tipo de sintagma com certas características próprias. Quando a posição S não for ou não puder ser preenchida, a oração irá se constituir apenas do predicado.

Passamos ao estudo da questão.

“Dirigi-me para (I) o terraço de mármore do outão. (II) Lá estava Aristarco, tresnoitado, o infeliz. (III) No jardim continuava (IV) a multidão dos basbaques.”

Analisando os termos destacados podemos observar que nos itens I, II e III os termos constituem um adjunto adverbial de lugar. Segundo Terra, o adjunto adverbial é um termo da oração, considerado acessório, que se liga a um verbo, com ou sem prepo-

sição, a fim de indicar uma circunstância qualquer. Correspondendo ao que Sautchuk classificou como C, ou seja, complemento.

O item IV, o termo destacado refere-se ao sujeito, que conforme Cegalla é termo essencial da oração, ou seja, é o ser de quem se diz alguma coisa, sendo constituído por um substantivo ou pronome ou uma palavra ou expressão substantivada.

Portanto a única alternativa cabível é a “D) I, II e III, apenas”.

Fonte: CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. Companhia Editora Nacional. Pág. 323.

SAUTCHUK, Inez. *Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática*. 2ª Ed. Barueri, SP: Manole, 2010. Págs. 73/87

TERRA, Ernani, *Curso prático de gramática*. São Paulo: Scipione, 2002 pág. 257/258.

1.4 Questão 04

De acordo com o contexto, é possível identificar que no 2º§ do texto, o autor utiliza um recurso em sua estruturação que

A) chama a atenção do leitor pela desorganização intencional demonstrando a desorganização da cena após o incêndio.

B) contribui para que o leitor construa a imagem da indiferença de Aristarco, utilizando frases curtas e aparentemente desconexas.

C) há uma alternância entre a situação pós incêndio e a personagem Aristarco, bastante sutil, de modo que as duas observações parecem se misturar.

D) é um prenúncio de que o texto não terá uma finalização, mas irá propor uma reflexão suspensa, considerando o emprego de frases curtas encerradas com ponto de exclamação.

As alternativas fazem referência a possibilidades em relação ao 5º§ e não ao 2º§. A questão foi anulada pela banca em decorrência de erro material no enunciado.

Optamos por não comentar a presente questão em virtude de não possuímos um referencial teórico que pudesse embasar a resposta do gabarito preliminar.

A alternativa fazia referência ao seguinte trecho: “Falavam do incendiário. Imóvel! Contavam que não se achava a senhora. Imóvel! A própria senhora com quem ele contava para o jardim de crianças! Dor veneranda! Indiferença suprema dos sofrimentos

excepcionais! Majestade inerte do cedro fulminado! Ele pertencia ao monopólio da mágoa. O Ateneu devastado! O seu trabalho perdido, a conquista inapreciável dos seus esforços!... Em paz!... Não era um homem aquilo; era um de *profundis*." .

1.5 Questão 05

O emprego de recursos próprios da linguagem subjetiva caracteriza o texto literário. Leia os trechos abaixo selecionados:

I. “*A própria senhora com quem ele contava para o jardim de crianças!*” (5º§)

II. “*Ele, como um deus caipora, triste, sobre o desastre universal de sua obra.*” (7º§)

III. “*Em redor do diretor muitos discípulos tinham ficado desde a véspera, inabaláveis e compadecidos.*” (4º§)

IV. “*Lá estava, a uma cadeira em que passara a noite, imóvel, absorto, sujo de cinza como um penitente, [...]*” (4º§)

A ocorrência de aproximação de elementos distintos considerando algumas de suas características pode ser identificada em:

- A) Todos os trechos selecionados.
- B) Um trecho selecionado apenas.
- C) Três dos trechos selecionados apenas.

D) Dois dos trechos selecionados apenas.

A questão aborda a compreensão e interpretação de textos, mais precisamente, de elementos comparativos como a metáfora.

Segundo Garcia, a metáfora é, em essência, “uma comparação implícita, isto é, destituída de partículas conectivas comparativas (como, tal qual, tal como) ou não estruturada numa frase cujo verbo seja parecer, semelhar, assemelhar-se, sugerir, dar a impressão de ou um equivalente desses”. Sendo assim, a metáfora é um recurso utilizado para demonstrar o modo de ver do autor, através de comparações que buscam aproximar tais elementos.

Para o autor, todo processo de comparação metafórica (ou símile), que pressupõe a existência de semelhanças em qualquer grau, visa, sobretudo, a tornar mais clara, mais compreensível uma ideia nova, desconhecida do receptor, mediante o cotejo ou confron-

to com outra mais conhecida, cuja característica predominante ou atributo por excelência se evidencie de maneira ostensiva, concreta, mais sensível.

No tocante à questão, podemos observar que:

Em: I. “A própria senhora com quem ele contava para o jardim de crianças! ” (5º§),

II. “Ele, como um deus caipora, triste, sobre o desastre universal de sua obra. ” (7º§),

III. “Em redor do diretor muitos discípulos tinham ficado desde a véspera, inabalaáveis e compadecidos.” (4º§),

IV. “Lá estava, a uma cadeira em que passara a noite, imóvel, absorto, sujo de cinza como um penitente, [...]” (4º§),

É possível reconhecer a utilização de comparação metáfora um recurso que demonstra um efeito de sentido de comparação entre elementos distintos nos trechos destacados anteriormente. Deste modo, a única alternativa correta é a alternativa “C) Três dos trechos selecionados apenas”.

Fonte: GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 107-109.

Texto para responder às questões de 06 a 10.

Liderança solitária não permite evolução

Quando paramos para analisar o atual cenário econômico e social estabelecido em nosso país podemos perceber que a crise, da qual tanto se fala, vai além da questão financeira, da corrupção e do caos econômico que muitos estão vivenciando. Ela envolve, nitidamente, falta de liderança e de espírito corporativo. E não é a liderança habitual praticada por gestores ou chefes, mas sim aquela que envolve quase todas as esferas e que é um estado de consciência, uma atitude. [...]

As ações individualistas, exageradas, polarizadas e fanáticas não nos levam à devida solução, muito menos nos permitem fazer parte de uma transformação positiva dos múltiplos cenários, além de só colaborarem ainda mais com esse estado de ausência de liderança.

Da mesma forma que antigamente os sistemas de liderança nas empresas eram vistos como caminhos a serem percorridos de forma solitária e que o segredo para alcançar o sucesso estava em uma postura mais individualista, muitas pessoas, empresas e

profissionais ainda mantêm essa posição individual e retrógrada, dificultando o crescimento de todos, inclusive delas mesmas.

Mas, muito ao contrário disso, o cenário atual requer pessoas, empresas e profissionais capazes de oferecer a oportunidade para todos brilharem e se realizarem dentro dos ambientes em que estão inseridos. Ao assumirem essa postura, cada um faz muito mais do que simplesmente comandar algo: convidam todos que estão ao redor para crescerem juntos. E como já dizia um provérbio africano, “se quer ir rápido, vá sozinho; se quer ir longe, vá em grupo”, ou seja, as soluções precisam ser compartilhadas e baseadas no cooperativismo, pois cada vez mais necessitamos do apoio de outras pessoas, empresas, profissionais, mercados, entre outros. [...]

O verdadeiro líder tem a capacidade de ouvir o próximo e fazer algo novo. A diferença não está na capacidade de gerir, organizar e guiar um grupo, mas sim nos líderes criadores de contexto, capazes de se colocar no lugar do outro, de ousar, criar, compartilhar novas soluções para os mesmos problemas de sempre. Esses líderes são aptos a gerenciar as próprias competências socioemocionais e também às de todos que estão ao seu redor. E lá no século XVII já ensinava *Baltazar Gracián*: “O caminho da grandeza se percorre juntamente com outros!”.

(Eduardo Shinyashiki. Disponível em:

<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/127/lideranca-solitaria-nao-permite-evolucao-aoportunidade-de-ser-375389-1.asp>.)

1.6 Questão 06

O texto em análise tem em sua estrutura elementos que permitem que reconheçamos que o autor apresenta uma tomada de posição, que será desenvolvida através de sua exposição no texto. Tal posicionamento que conduz todo o texto está identificado em:

A) As ações coletivas são necessárias ainda que favoreçam o individualismo.

B) O cooperativismo do grupo só tem a contribuir com uma liderança articulada com o mesmo.

C) Ausência de liderança e ações individualistas são elementos que se opõem nas relações sociais.

D) É necessário que toda e qualquer liderança seja anulada para que a evolução de ações aconteça.

O examinador exigiu na o conhecimento de anáfora, mais precisamente o emprego de pronomes demonstrativos no texto. Segundo Koch, anáfora “é o mecanismo linguístico por meio do qual se aponta ou remete para elementos presentes no texto ou que são inferíveis a partir deste”. Conforme leciona Bechara, pronomes demonstrativos são os que “indicam a posição dois seres em relação às três pessoas do discurso”. Segundo o autor, “Mesmo, próprio, semelhante e tal” têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por esse, essa, aquele, isso, aquilo”. Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica: “Os diretores presos tiveram habeas corpus. Apareceu um relatório contra os mesmos, e contra outros...”.

O mesmo ocorre em: “(B) O cooperativismo do grupo só tem a contribuir com uma liderança articulada com o mesmo.”.

A alternativa “(C) Ausência de liderança e ações individualistas são elementos que se opõem nas relações sociais.” não pode ser considerada correta. De acordo com o 2º§ do texto: “As ações individualistas, exageradas, polarizadas e fanáticas não nos levam à devida solução, muito menos nos permitem fazer parte de uma transformação positiva dos múltiplos cenários, além de só colaborarem ainda mais com esse estado de ausência de liderança.” as ações individualistas colaboram com a ausência de liderança, não havendo oposição entre os dois elementos, mas sim colaboração.

A alternativa “(D) É necessário que toda e qualquer liderança seja anulada para que a evolução de ações aconteça.” Está errada, pois, conforme o trecho “O verdadeiro líder tem a capacidade de ouvir o próximo e fazer algo novo. ” existe a possibilidade de que haja uma liderança adequada.

Fonte: BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Ed. Lucerna. Rio de Janeiro, 2009. Págs. 127, 141/160.

1.7 Questão 07

Em “*E como já dizia um provérbio africano, [...]*” (4º§) a forma verbal destacada indica o mesmo tempo e modo verbal vistos em:

A) Havíamos entrado no salão sem qualquer atraso.

B) Acendam as luzes da casa sempre na mesma hora.

C) Não queiras entender o processamento de tais fatos.

D) Talvez tivéssemos tal oportunidade como os demais ali.

A questão aborda o conhecimento das categorias verbais. Para abordarmos de maneira didática, vamos utilizar a divisão de Duarte e Lima que são: tempo, modo, voz e aspecto. Não analisaremos o aspecto para não adentrar além do necessário para a análise da questão.

Para os autores, tempo verbal é o momento da ocorrência do processo em relação ao momento da enunciação (relação entre dois momentos). A categoria tempo pode ser dividida em tempos simples e tempos complexos.

Tempo simples é aquele constituído por um só verbo e pode ser: Presente (simultaneidade entre os dois momentos); passado ou pretérito (anterioridade entre o momento da ocorrência do processo e o momento da enunciação); futuro (momento da ocorrência do processo posterior ao momento da enunciação).

O tempo complexo ou composto é formado pelo verbo ter (ou haver) e um particípio. Como informado, ocorre quando há dois processos.

Conforme Terra, os tempos compostos são dividido em tempos compostos do modo indicativo e tempo composto do modo subjuntivo.

Tempo composto do modo indicativo são: pretérito perfeito (formado pelo presente do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal); pretérito mais-que-perfeito (formado pelo imperfeito do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal); futuro do presente (formado pelo futuro do presente simples do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal); e futuro do pretérito (formado pelo futuro do pretérito simples do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal). No modo subjuntivo, temos os seguintes tempos compostos: pretérito perfeito (formado pelo presente do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal); pretérito mais-que-perfeito (formado pelo imperfeito do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal); e futuro do subjuntivo (formado pelo futuro do subjuntivo simples do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal).

Em relação à categoria modo, temos que é o julgamento implícito do falante a respeito da natureza da enunciação. Pode ser dividido em indicativo (certeza); subjuntivo (dúvida ou desejo) e imperativo (ordem).

Segundo Câmara Jr. (*apud* Duarte e Lima), voz é a “forma em que se apresenta o verbo para indicar a relação entre ele o seu sujeito.” Pode ser dividida em: Ativa (ação

ou processo verbal parte do sujeito); passiva: transformação da voz ativa em que se torna sujeito o que na ativa era objeto direto); e medial (aquela em que à forma ativa adjuge-se um pronome adverbial átono referente à pessoa do sujeito, indicando integração do sujeito na ação que dele parte).

A alternativa “(A) Havíamos entrado no salão sem qualquer atraso.” 39 não pode ser considerada correta. De acordo com a gramática existem os tempos simples e os tempos compostos da voz ativa e os tempos simples e os tempos compostos da voz passiva. Na forma verbal destacada no enunciado “dizia”, é possível reconhecer um tempo simples do pretérito imperfeito do modo indicativo. Já em “havíamos entrado” é possível reconhecer o tempo composto do pretérito imperfeito do indicativo.

Fonte: DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira; LIMA, Maria Claudete. *Classes e categorias em português*. Fortaleza: Edições UFC, 2000. págs. 96/111. TERRA, Ernani, *Curso prático de gramática*. São Paulo: Scipione, 2002 págs. 162/165.

1.8 Questão 08

Assinale a reescrita para o trecho “*Quando paramos para analisar o atual cenário econômico [...]*” (1º§) em que sejam preservadas a correção gramatical e semântica.

- A) “**Ao pararmos para analisar o atual cenário econômico...**”
- B) “Então paramos para analisar o atual cenário econômico...”
- C) “Visto que paramos para analisar o atual cenário econômico...”
- D) “Deste modo, parando para analisar o atual cenário econômico...”

A questão aborda a reescrita de trechos, também conhecida como paráfrase. Na Paráfrase, temos um mesmo conteúdo semântico, porém sob formas estruturais diferentes.

Koch observa que “a cada reapresentação do conteúdo, ele sofre alguma alteração que pode consistir muitas vezes, em ajustamento, reformulação, desenvolvimento, síntese ou precisão maior do conteúdo que está sendo reapresentado”.

A alternativa “B) “Então paramos para analisar o atual cenário econômico...” altera a significação de possibilidade, quando utiliza a expressão “então”.

A alternativa “D) “Deste modo, parando para analisar o atual cenário econômico...” não pode ser considerada correta. O enunciado apresenta para uma possível reescrita o segmento: “Quando paramos para analisar o atual cenário econômico [...]” (1º§) A expressão conclusiva “deste modo” altera o sentido temporal de “quando”.

Fonte: KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. Companhia Editora Nacional. Pág. 154.

1.9 Questão 09

Assinale a seguir um livre comentário do texto em análise cuja ortografia aplicada está totalmente de acordo com a norma padrão da língua.

A) A valorização do coletivo é uma ideia desnecessária nos dias atuais, sua prática é capaz de fortalecer estruturas e relacionamentos sociais.

B) A história da humanidade confirma e reafirma que o ser humano não tem sucesso isoladamente, faz parte de um todo e esse todo usufrui de tal sucesso.

C) É necessário que o individualismo seja superado pela coletividade, a individualidade de cada um é importante, mas o individualismo deve ser excluído das atuais relações sociais.

D) Cada ser é único em suas potencialidades, mas também necessidades; conferir a uma única pessoa o papel de decidir sem que o grupo esteja integrado em tal decisão é negar a busca de uma verdadeira solução.

A questão aborda o conhecimento e domínio da ortografia. Segundo Terra, a palavra ortografia provém do grego (*orthós* = reto, direito + *gráphein* = escrever, descrever). Conforme o autor, damos nome de ortografia à parte da gramática que trata da maneira de escrever corretamente as palavras.

Ele ressalta que um sistema ortográfico é sempre uma convenção. Sua base pode ser histórica, fonética ou mista. O sistema adotado no Brasil é misto.

A alternativa “(A) a valorização do coletivo é uma ideia desnecessária nos dias atuais, sua prática é capaz de fortalecer estruturas e relacionamentos sociais.” não pode ser considerada correta, pois, a palavra “desnecessária” foi grafada incorretamente, corrigindo-a, teríamos: “necessária”.

Conforme Evanildo Bechara: SC: Elimina-se o s do grupo inicial sc: cena, cenografia, ciência, etc. Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o s antes do c: anticientífico, contracenar, encenação, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o s: consciência, cômico, imprescindível, prescindir, rescindir, rescisão, etc.

A alternativa “B) A história da humanidade confirma e reafirma que o ser humano não tem sucesso isoladamente, faz parte de um todo e esse todo usufrui de tal sucesso.” não pode ser considerada correta. A palavra “usufrui” foi registrada incorretamente, sendo a forma correta: usufruí, que conforme dicionário da língua portuguesa significa estar na posse de (benefício material ou moral) gozar, desfrutar.

Em “C) É necessário que o individualismo seja superado pela coletividade, a individualidade de cada um é importante, mas o individualismo deve ser excluído das atuais relações sociais.” não há erro em relação à ortografia. Diferentemente do que ocorreu na alternativa A, o examinador utilizou a palavra “necessário” corretamente.

A alternativa “(D) Cada ser é único em suas potencialidades, mas também necessidades; conferir a uma única pessoa o papel de decidir sem que o grupo esteja integrado em tal decisão é negar a busca de uma verdadeira solução.” não pode ser considerada correta, pois, a palavra “necessidades” foi grafada incorretamente, corrigindo-a, teríamos: necessidades.

Fonte: *TERRA, Ermani, Curso prático de gramática. São Paulo: Scipione, 2002. Pág. 27.*

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Pág. 73/74.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3^a edição. Rio de Janeiro. Objetiva, 2008.

1.10 Questão 10

Acerca da citação de *Baltazar Gracián* no final do texto, pode-se afirmar que

- A) indica um argumento de consenso.
- B) se trata de uma generalização precipitada.
- C) é um recurso argumentativo de autoridade.**
- D) baseia-se em uma argumentação de competência linguística.

Conforme informado na questão 2, argumentar é tentar convencer, persuadir o leitor sobre determinado assunto. Para isso, o autor pode utilizar vários recursos e abordaremos alguns destes para analisar a questão em epígrafe.

Segundo Platão e Fiorin, argumento de autoridade é a “citação de autores renomados, autoridades num certo domínio do saber, numa área da atividade humana, para corroborar uma tese, um ponto de vista.”. Os autores observam que esta forma de argumentação demonstra o domínio do assunto, citando outros autores para referendar seu ponto de vista.

A citação de Baltazar Gracián no último parágrafo tem este objetivo, sendo a alternativa “C) é um recurso argumentativo de autoridade.” a correta.

Platão e Fiorin ao abordarem o argumento baseado no consenso, iniciam explicando sobre os axiomas na matemática “que são proposições evidentes por si mesmas e, portanto, indemonstráveis: o todo é maior do que a parte; duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si, etc.”. Assim os autores afirmam que o argumento baseado no consenso seria a utilização das proposições universalmente aceitas ou evidente em si mesmas, de modo a corroborar a sua argumentação textual. A alternativa “A) indica um argumento de consenso.” Está incorreta pois não é esta a circunstância apresentada no texto.

Para entendermos o que seria a “generalização precipitada” hipótese prevista na alternativa “B”, vamos explicar o que Platão e Fiorin entendem como argumentos baseados em provas concretas.

Os autores, informam que para a argumentação ter mais peso, devemos embasá-la em fatos comprobatórios. As provas concretas podem ser cifras e estatísticas, dados históricos, fatos da experiência cotidiana etc. Para ele, esse tipo de argumento, quando bem feito, cria a sensação de que o texto trata de coisas verdadeiras e não apresenta opiniões gratuitas. Sendo assim, essas “opiniões gratuitas” seriam as generalizações precipitadas, circunstância que pode descredibilizar a argumentação do autor.

A argumentação de competência linguística, nada mais é do que utilizar a norma culta da língua no contexto que está inserido o texto. Dificilmente um texto escrito coloquialmente, teria validade num contexto formal. Outros exemplos de competência linguística é o médico utilizando termos científicos, ou o advogado utilizando termos jurídicos.

Sendo assim, a alternativa “D) baseia-se em uma argumentação de competência linguística” está incorreta.

Fonte: PLATÃO & FIORIN, Francisco & José Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2001. Págs. 309/315

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prova abordou boa parte do conteúdo programático. Observamos que por tratar-se de um cargo de natureza prática e operacional, a banca optou por dar prioridade à interpretação de textos e reescrita de parágrafos, dando ênfase à comunicação ao invés de cobrar conteúdo de natureza primordialmente técnica.

Embora a escolha da banca tenha sido coerente com o cargo, observamos que o português avaliado em provas não é o português pragmático, ficando tal avaliação aquém da realidade do profissional examinado.

A prova objeto de análise no presente trabalho, apresentou textos escritos, sendo o primeiro de natureza literária. Isto não é o que se espera de um profissional atualmente. Se pensarmos no cargo avaliado, qual seja, soldado do corpo de bombeiros, perceberemos ainda mais essa carência de pragmatismo no exame. Uma forma de avaliação pragmática que podemos citar é a leitura e interpretação de textos não literários, como imagens, quadrinhos e situações hipotéticas, que permita ao avaliando raciocinar de maneira eficiente para as diversas situações que enfrentará no exercício do cargo.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Ed. Lucerna. Rio de Janeiro, 2009.

CASTRO, Maria da Conceição. **Língua & literatura**. 4ª edição – São Paulo. Saraiva: 1996.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. Companhia Editora Nacional.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira; LIMA, Maria Claudete. **Classes e categorias em português**. Fortaleza: Edições UFC, 2000.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 27. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Gramática Didática e Interpretação de Textos**. 17.ed. Brasília: JRG, 2018.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Metodologia Científica e Redação Acadêmica**. 6. ed. Brasília: JRG, 2011.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Redação Oficial, Dissertação e Interpretação de Textos**. 2. ed. Brasília: EA, 2008.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Redação: o passo decisivo para sua aprovação.**

Barueri/SP: Gold, 2008. (Coleção Concursos Públicos, vol. 11)

GONÇALVES, Jonas Rodrigo; CARNEIRO, Débora Ferreira. A influência do uso correto da norma culta da Língua Portuguesa para o Direito. **Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros.** Ano III, Vol.III, n.9, jan./mar., 2012.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo.; SIQUEIRA, Marcus Vinicius Barbosa . A014.Prova Discursiva do concurso para Agente de Polícia Federal. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 1, p. 4-13, 2018.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo.; ARAUJO FILHO, Vander Lúcio ; ARAUJO, Melissa Xavier ; SILVA, Pedro Ferreira ; SOUZA, Fernanda Oliveira de ; SANGLARD, Elvis Estrela ; ALVES, Victor Hugo Vieira . A015.Análise do uso do acento indicativo de Crase a partir da análise de questões de Língua Portuguesa cobradas em concursos públicos recentes. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 1, p. 14-41, 2018.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo.; CRUZ, Thiago Monteiro . A016.Prova Discursiva do concurso para Técnico Socioeducativo: responsabilidade do servidor público perante a sociedade. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 1, p. 42-60, 2018.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo.; MENESES, Leila Rodrigues da Silva . A018.Os advogados cíveis sabem utilizar a Crase?. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 1, p. 73-96, 2018.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo.. A019.Estrutura da Dissertação Técnica em laboratório de redação em sala de aula sobre Violência no Trânsito. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. I, p. 95-126, 2018.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo.; FERREIRA, Maria Fernanda Nince . A027.Laboratório de estrutura da dissertação técnica em sala de aula sobre violência no campo. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 1, p. 156-193, 2018.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo.; PESSOA, Elyelton Ryellison Firmino . A028.Redação Oficial: análise de questões em provas de concursos públicos. Revista JRG de Estudos Acadêmico, v. I, p. 06-26, 2018.

GONÇALVES, J. R.; SILVA, Weliton Bonner Alves da . A008.Prova discursiva do concurso para atendente de reintegração socioeducativo: proteção integral à criança e ao adolescente ? responsabilidade de toda a sociedade. Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros, v. 17, p. 161-173, 2016.

GONÇALVES, J. R.; SOUZA, Kátia Letícia Dantas Tavares . A007.A colocação pronominal na visão dos gramáticos da Língua Portuguesa. Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros, v. 17, p. 174-186, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e compreender: os sentidos do texto.* 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. Companhia Editora Nacional.

PLATÃO & FIORIN, Francisco & José Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação.* São Paulo: Ática, 2001.

_____. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2011.

SAUTCHUK, Inez. *Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática*. 2 ed. Barueri, SP: Manole, 2010.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. São Paulo: Scipione, 2002.